



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

14334 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

**CARTAS EM FOLHA DE AROEIRA: TERREIRO DE CANDOMBLE , EDUCAÇÃO DO CAMPO E O SER NEGRO NA TERRA**

Jaqueline de Souza Barreto Santos - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Ana Cristina Nascimento Givigi - UFRB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

**CARTAS EM FOLHA DE AROEIRA : TERREIRO DE CANDOMBLE , EDUCAÇÃO DO CAMPO E O SER NEGRO NA TERRA**

### **Resumo**

Este texto é produzido a partir de um trabalho de conclusão de curso vinculado ao Mestrado Profissional em Educação do Campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O objetivo do resumo em tela é compreender as articulações entre as narrativas de filhos de mukixi e candomblecistas do Nzo Matambale Ventos de Angola, na zona rural de Amargosa/BA e educação do campo. As narrativas de gênero epistolar tratam das relações de candomblecistas com seu terreiro, com a terra e com a sua identidade em construção. Pretende-se, por meio do método (auto) biográfico (ARFUCH, 2010) acessar Cartas de Candomblecistas, tomadas como escritas de si (CUNHA, 2007) e produzidas pela pesquisa. A análise das cartas nos indica a demarcação de territorialidades negras que se relacionam ontologicamente com a terra, ao tempo em que entendem-se como parte de sujeitos do campo, abrindo fronteiras de diálogo entre pedagogia do terreiro e educação do campo. Questiona sobre a ausência do campesinato negro na produção da educação do campo, assinalando a necessidade de ressemantização para ampliação dos diálogos. Por fim, entende-se terreiro como território negro de formação e educação (GIVIGI, 2020, SANTOS, 2019).

**Palavras- chave:** Educação do Campo; terreiro de candomblé; cartas autobiográficas.

## **Introdução**

Este texto orienta-se pelas temáticas que envolvem os diálogos recentes entre terreiros de candomblé e educação do campo, promovidos a partir da ampliação das perspectivas de educação do campesinato brasileiro. Tem como objetivo, portanto, compreender as articulações entre educação do campo e as narrativas de filhos de mukixi do Nzo Matambale Ventos de Angola, na zona rural de Amargosa/BA, que tangem suas relações com a terra. Foram expressas em Cartas Autobiográficas produzidas e utilizadas por uma pesquisa de Mestrado, vinculada ao PPGEDUCAMPO/UFRB. \_

Pretende-se, por meio do método (auto)biográfico (ARFUCH, 2010) acessar narrativas de gênero epistolar, intituladas Cartas em Folha de Aroeira, e tomadas como escritas de si (CUNHA, 2007) neste espaço rural de terreiro, onde se desenvolve a pedagogia do terreiro, centrada no pertencimento do sujeito negro à terra. Aroeira é a árvore sagrada deste terreiro, cujo Nkise central é Matamba, a mãe dos ventos, tempestades e do fogo.

Terreiros são espaços que surgiram a partir da desterritorialização sofrida pelos negros/as escravizados/as, cujas estratégias de sobrevivência e vida centravam-se em reconstituir lastros com suas raízes africanas, utilizando-se de saberes ancestrais. Entretanto, a formação de terreiros pode ser considerada como condição de uma territorialidade de pretos/as e sua resistência cultural à dominação.

Povos negros criaram espaços móveis de partilha e de transferências de seus conhecimentos, uma vez que o sagrado sempre esteve instituído como marca de organização social e manutenção do legado (SLENES, 2011). O que era estratégia do senhor de engenho, para ainda maior exploração, como a cessão de faixas de terra para autocultivo do/a escravizado/a dentro de seus latifúndios, transformou-se em espaço de socialização de tecnologias de cultivo, diversificação de produção, criação de animais de pequeno porte; de modo que no pós abolição estes espaços são problematizados como configurações campesinas negras (GUIMARÃES, 2009). O fato é que a grande rede de relação comercial e social entre negros/as assenzalados/as, alforriados/as, libertos/as, taberneiros/as e brancos pobres da zona rural às cidades gerou uma rede de significações e sentidos para a liberdade, a partir da constituição do campesinato negro (GOMES, MACHADO, 2015).

Ainda no século XVIII, povos pretos começam a se distribuir pela cidade, alguns tentando se afastar do estigma da escravização, e juntavam-se em terreiros e assentamentos

demarcados por uma relação social de segregação. Deste modo, Rego (2006) analisa que as condições de territórios contínuos é indicar a existência e a necessidade, para a manutenção do culto, dos territórios descontínuos - matas, lagoas, manguezais e áreas naturais que se são cada dia mais escassos, nas cidades. A existência urbana de terreiros denuncia a desapropriação da terra dos povos negros.

Desta feita, o candomblé territorializa os povos negros, na medida em que toma o legado ancestral como possibilidade de construção do controle cultural e político do lugar, refazendo ligações, simbologias, etc, atribuindo uma concreta sociabilidade aos que passam a 'pertencer' (GIVIGI, 2020; SANTOS, 2019). É justamente ao desenvolvimento desta pertença que denominamos de "águas de angola". Tal termo, 'águas', é empregado também para expressar domínios, ascendências africanas, ramos ou divisões do Candomblé no Brasil (AMIM, 2011).

Banhando-se nas "águas de angola" que o Nzo Matambalê Ventos de Angola segue com seus rituais, formado e orientado pelas tradições de nossa matriarca, Mam'etu Kafurenga, da raiz Caxuté/Tumbajunssara. Foi neste lugar que cada um escreveu e escreve sua biografia, enredando-se em uma história coletiva produzida pela pedagogia de terreiro (SANTOS, 2019, CAPUTO, 2012). Neste lugar aprendemos sobre a (re)inserção política na cosmologia bantu e, por meio da pedagogia de terreiro nos reposicionamos politicamente pela defesa da educação em terreiros em discussão com a educação do campo (SANTOS, 2019).

Para esse resumo nos interessou compreender o modo como povos de terreiros contemporâneos, em Amargosa, situam-se geopoliticamente neste território, como se vêem e se autobiografam. Assim, ao narrar as experiências campesinas, negras e indígenas aí engendradas, podemos descortinar pistas sobre a educação e/ou vermos o quanto estas experiências estão presentes nas praticas cotidianas educativas. O Nzo Matambalê Ventos de Angola é composto, atualmente, por 37 filhos/as, além de nossa Nengwa Matambalê que é a liderança deste espaço, juntamente com outros filhos que assumem a hierarquia do terreiro. São eles que produzem estas cartas de aroeira.

### **Metodologia**

O método autobiográfico contextualiza a importância das trajetórias nos espaços de formação e educação (ARFUCH, 2010). A partir dele, o indivíduo se posiciona em relação à sua história. Além disso, o método constrói fontes dantes desprezadas pela pesquisa, em situações ordinárias também não consideradas importantes, porque ligadas à sujeitos à margem das relações sociais de poder.

Neste trabalho, constituímos cartas autobiográficas – intituladas Cartas em Folhas de Aroeira – a partir de reuniões chamadas Conversadores de Aroeira, onde pactuamos o percurso de escrita, por meio de um roteiro de questões sobre a relação com a terra, sobre a importância da ancestralidade na 'criação' do nome (filhos recebem um novo nome de

lastro africano chamado dijina), sobre a relação terra-terreiro, sobre educação e terreiro. As cartas foram feitas livremente, à mão, em um período de 8 meses, trazendo-nos memórias de pertencimento a este território negro. Foram escritas em período de pandemia, funcionando como espaço de alimentar as lembranças e de perpetuar nosso legado em tempos de doença e de governo fascista.

Cartas alcançam regimes de sensibilidade outros que não podem ser atingidos por qualquer fonte. Movimentam sentidos e nos permitem acessos às memórias também inscritas no corpo, por meio de algumas indagações ou à movimentação de lembranças consideradas privadas (CUNHA, 2007), mas que, como águas, arrastam vestígios de terra, pedra, fazem regatos, formam açudes e corredeiras.

### **Discussão de Resultados**

A escrita de cartas estabelece relações entre a perspectiva íntima e a história coletiva. Ao escrever nos aproximamos da realidade e também nos distamos da solidão de enfrentarmos sozinhos o mundo (ANZALDUÁ, 2000). Terreiro é espaço de existir, de aprender ser negra com os mais velhos que caminharam até aqui, onde a ancestralidade se materializa, cotidianamente, modificando as vidas, aliviando fardos:

Ser mulher é um fardo no mundo, e ser negra tornaria tudo mais difícil, filha de pais separados, que viviam em conflitos quando estavam juntos e desamores quando estavam distantes. Sempre fui incentivada a ser alguém na vida, e o significado disso se mostrava em diversos momentos como, negar minha cor, o meu cabelo, negra a minha identidade e as minhas raízes (...). Mas, ao chegar no terreiro pude receber o abraço mais aquecedor da minha vida, era um abraço da cabocla velha Bartira, que me chamou de filha, percebi que não estava abraçando só uma entidade, estava abraçando uma mãe, estava abraçando os meus ancestrais (carta de Kaiamilanga 2021)

O nzo é uma família extensa que cria laços de pertencimento da negritude, definindo-a positivamente (CAPUTO, 2012). É também um lugar onde um novo nome se constitui como lugar político de assunção à uma identidade. Diz

Eu era só um homem negro em meio à sociedade, sem um chão, sem identidade cultural firmada. Após essa conexão a raiz se firmou no chão de Angola e hoje eu sou Tata Ndenge

NkosiNjila, onde quer que eu vá, serei apresentado dessa maneira representando uma comunidade (Carta do Tata NkosiNjila, 2021).

O reposicionamento político gera, conjuntamente a mudança de status social e a capacidade de representação coletiva do indivíduo. O terreiro é, portanto, este lugar de se

(auto)nominar e de, por meio das práticas pedagógicas, territorializar-se como parte de um povo, de uma comunidade. Mais uma carta nos diz:

É fascinante quando paro e penso o meu caminhar, toda minha vida . Mulher do campo, mulher negra que precisou passar por altos e baixos para descobrir seu caminho ancestral e todas as ligações com a terra que nem se dava conta. (Carta da Makota Matojira)

Toni Morrison (2007), ao falar de memórias, presentifica em suas narrativas o contexto histórico de vulnerabilidade, reformulado e potencializado, fazendo delas um ato de denúncia contra as sociedades racistas nas quais vivemos. As cartas também revelam duras realidades, afirmando relações de cuidado, reconhecimento e de relação ontológica com a terra.

Este reposicionamento em relação à terra, recoloca o filho de terreiro no debate pela defesa da terra comunal – sagrada para ele – que, desperta-lhe amor e sentido, mas conjuntamente, o lança na luta conjunta pela reforma agrária e parceria com a educação do campo.

Eu sou de origem rural, nasci e me criei na roça, atualmente trabalho com assessoria técnica para agricultores familiares, a terra sempre esteve de forma direta na minha vida. A minha relação com a terra muda ainda mais depois que começo a fazer parte da Educação do campo e da comunidade de terreiro ao mesmo tempo. Hoje eu tenho respeito à terra, ela é sagrada (Carta da Makota Lendalunda).

A pedagogia de terreiro articula-se diretamente às pautas da educação do campo, considerando a educação contextualizada, que parte da experiência da cultura camponesa. Se queremos, na educação do campo, que a vida camponesa mova a escola e a formação; na educação em terreiro somos ‘feitos’ pela partilha da cosmovisão de povos pretos, violentamente fragmentada. A ancestralidade é o tecido que urde tempo e território negro situando a pessoa negra num grande tear africano (OLIVEIRA, 2005).

### **Considerações Finais**

Compreendemos a Educação de Terreiro como lugar de reelaboração da existência pela afirmação de um território comunal desapropriado pelo estado racista. Nós, povos de terreiro, acionamos a terra a partir de uma cosmovisão, como exercício de um legado. O filho de nkise recebe um nome que coincide com uma trajetória de aprendizado sobre si expresso nas cartas quando estas trazem memórias do que fomos e somos e do que passamos a ser.

As cartas autobiográficas nos leva a analisar universos cotidianos de silenciamento e

invisibilidade, mas também à assunção a um território de solidariedade e formação coletiva, onde ser da terra se faz por meio da educação. Este sujeito negro da terra emerge de perspectivas de liberdade constituída por sujeitos históricos invisibilizados na história do Brasil.

A educação do campo é também o lugar de restabelecer essa dimensão de educação edificada pela experiência camponesa de negros. Terreiros são, portanto lugares de produção de memórias do campo, e as relações precisam ser amadurecidos com a educação do campo para um projeto de unidade pela tomada da terra.

## Referências

- AMIM, V. Águas de Angola em Ilhéus: configurações identitárias no candomblé do sul da Bahia **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, Ano IV, n. 10, Maio 2011 – ISSN 1983-2850. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/index.html>>. Acesso em 23 de julho 2021.
- ANZALDUA, G. **Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo** in Estudos Feministas, Ano 8, 2000, p. 229-235.
- ARFUCH, L. **O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea**. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.
- CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escrita do outro in **Patrimônio e Memória. Revista Eletrônica do Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa**, Vol. 3, nº 1, maio, Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, SP, 2007, p. 45-62.
- SANTOS, M. B. **Pedagogia do Terreiro. Experiências da Primeira Escola de Religião e Cultura de Matriz Africana do Baixo Sul da Bahia: Escola Caxuté**. Simões Filho: Kalango, 2019.
- GIVIGI, A. C.N., **Mulheres do Candomblé e suas Lutas Ontológicas: Caxuté, um terreiro camponês e a educação**. REVISTA EDUCAÇÃO E CULTURA CONTEMPORÂNEA VOLUME 17, NÚMERO 48, 2020 PPGE/UNESA. RIO DE JANEIRO.2020.Acesso em: <http://periodicos.estacio.br/index.php/reeduc/article/view/7023/47966770>
- OLIVEIRA, E., **Filosofia da ancestralidade: corpo e mito na filosofia da educação brasileira**. Curitiba: Editora Gráfica Popular, 2007.
- MORRISON, T.. **A fonte da auto-estima**. São Paulo: Companhia as Letras, 2020.
- SLENES, R. W. **Na senzala, uma flor. Esperanças e recordações na formação da família escrava**. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2011
- CAPUTO, S. G. **Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- GOMES, F., MACHADO, M. H. P. T. Da abolição ao pós-emancipação: ensaiando alguns caminhos para outros percursos in MACHADO, Maria Helena Pereira Toledo, CASTILHO, Celso Tomas (org). **Tornando-se livres: Agentes Históricos e Lutas Sociais no Processo da Abolição**. São Paulo: Editora da Universidade, p. 19-41, 2015.
- GUIMARÃES, E. **Terra de Preto: Usos e ocupação de terra por escravos e libertos (Vale**

**do Paraíba Mineiro, 1850-1920)**, Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009.

REGO, Jussara. Territórios do candomblé: a desterritorialização dos terreiros na Região Metropolitana de Salvador, Bahia. **GeoTextos**, vol. 2, n. 2, ISSN eletrônico: 1984-5537, 2006, p. 31-85 disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/3038> < acesso em 03 de novembro de 2016.